

AMADORA EDUCA

OPORTUNIDADE
PARA CONSTRUIR
UMA CIDADE



AMADORA
Câmara Municipal

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Amadora Educa: oportunidade para construir uma cidade

EDIÇÃO

Câmara Municipal da Amadora

EXECUÇÃO

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
e-GEO Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional

DIREÇÃO E COORDENAÇÃO

José António Tenedório

COORDENAÇÃO ADJUNTA

Rossana Estanqueiro

AUTORES DOS TEXTOS

Rossana Estanqueiro
José António Tenedório
Dulce Pimentel
Filipa Ramalhe

FOTOGRAFIA

José Julião (Antropólogo, Fotógrafo)

REVISÃO E ADAPTAÇÃO DOS TEXTOS

AO ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990

Raquel Silva (CLUNL)

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO

Metropolis Design e Comunicação

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Norprint – a casa do livro

TIRAGEM

1.500 exemplares

ANO DE EDIÇÃO

2014

ISBN

978-972-8284-75-6

DEPÓSITO LEGAL

386597/15

CATALOGAÇÃO

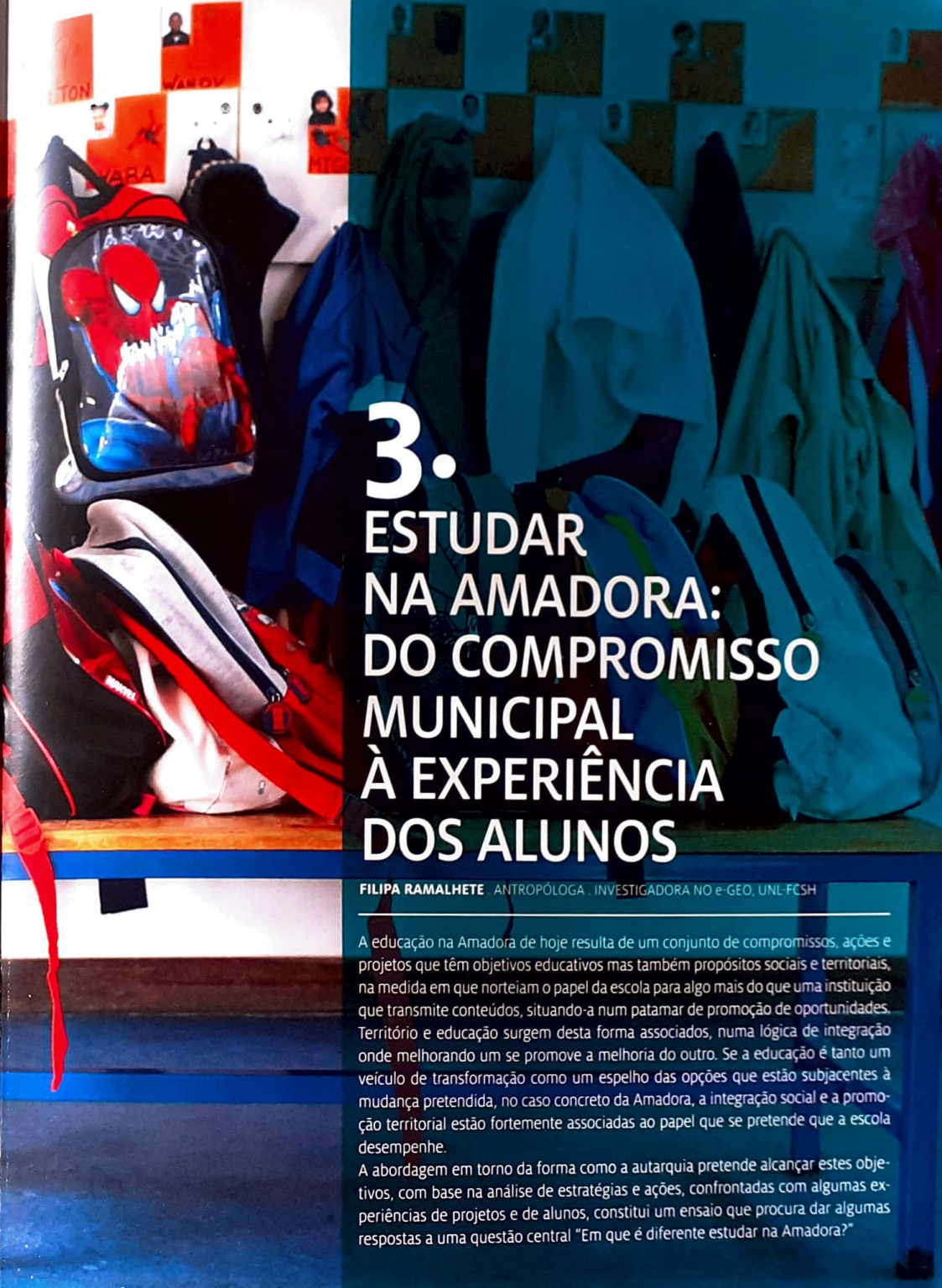
Amadora Educa: oportunidade para construir uma cidade / dir. e coord. José António Tenedório;
[nota de abertura] Carla Tavares; coord. adjunt. Rossana Estanqueiro; textos de Rossana Estanqueiro [et. al.];
fot. José Julião, Paulo Moreira, Carlos Oliveira, Diogo Félix, Samuel Pinto — 1.ª ed. — Amadora: Câmara Municipal. 2014. - 168p : il; 30 cm

ISBN 978-972-8284-75-6

I- TIT. II- Tenedório, José António, dir. III- Estanqueiro, Rossana, coord. adjunt.
IV- AMADORA. Câmara Municipal. Presidente (2013 - : Carla Tavares), abertura
V - Félix, Diogo, fot. VI - Julião, José, fot. VII - Moreira, Paulo, fot. VIII - Oliveira, Carlos, fot. IX - Pinto, Samuel, fot.
CDU 37 (469.411) "2o"
Educação| Políticas Educativas| Poder Local| Amadora| Portugal

ÍNDICE

1. EDUCAÇÃO: QUADRO INSTITUCIONAL LOCAL E CENTRAL	
1. DESCENTRALIZAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCATIVAS	15
2. ENQUADRAMENTO LEGAL DA EDUCAÇÃO CENTRADO NOS DESÍGNIOS MUNICIPAIS	21
3. O PROGRAMA DAS ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR	29
2. PERFIL DEMOGRÁFICO E SOCIOCULTURAL DA AMADORA: AS DINÂMICAS E RESULTADOS	
1. TERRITÓRIO, SOCIEDADE E AMBIENTE CULTURAL	35
2. SISTEMA EDUCATIVO LOCAL: UMA LEITURA A PARTIR DAS ESTATÍSTICAS	53
3. ESTUDAR NA AMADORA: DO COMPROMISSO MUNICIPAL À EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS	
1. A EDUCAÇÃO NA AMADORA: O COMPROMISSO DOS ELEITOS LOCAIS	65
2. O PAPEL DA ESCOLA NO MUNICÍPIO DA AMADORA	70
3. TERRITÓRIO E EDUCAÇÃO: A INOVAÇÃO COMO BASE DA INTEGRAÇÃO SOCIAL E CULTURAL	73
4. PARA UMA ESCOLA COM (DE) FUTURO: DESAFIOS DE UMA SOCIEDADE EM MUDANÇA	75
4. ESPAÇOS ESCOLARES E ATIVIDADES EDUCATIVAS: A CONCRETIZAÇÃO MUNICIPAL DA POLÍTICA EDUCATIVA	
1. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO MUNICIPAL	83
2. DA PROMESSA À REALIZAÇÃO: VALORES DE UM COMPROMISSO POLÍTICO LOCAL EM MATÉRIA DE EDUCAÇÃO	86
5. PESSOAS E ESPAÇOS ESCOLARES: OPORTUNIDADE PARA CONSTRUIR UMA CIDADE	
1. A ESCOLA COMO REPRESENTAÇÃO DO VALOR LOCAL DA URBANIDADE	155
2. A ESCOLA COMO REPRESENTAÇÃO DO VALOR LOCAL DA CONCRETIZAÇÃO	158
3. A ESCOLA COMO REPRESENTAÇÃO DO VALOR LOCAL DA PROXIMIDADE	160



3. ESTUDAR NA AMADORA: DO COMPROMISSO MUNICIPAL À EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS

FILIPA RAMALHETE ANTROPÓLOGA - INVESTIGADORA NO e-GEO, UNL-FCSH

A educação na Amadora de hoje resulta de um conjunto de compromissos, ações e projetos que têm objetivos educativos mas também propósitos sociais e territoriais, na medida em que norteiam o papel da escola para algo mais do que uma instituição que transmite conteúdos, situando-a num patamar de promoção de oportunidades. Território e educação surgem desta forma associados, numa lógica de integração onde melhorando um se promove a melhoria do outro. Se a educação é tanto um veículo de transformação como um espelho das opções que estão subjacentes à mudança pretendida, no caso concreto da Amadora, a integração social e a promoção territorial estão fortemente associadas ao papel que se pretende que a escola desempenhe.

A abordagem em torno da forma como a autarquia pretende alcançar estes objetivos, com base na análise de estratégias e ações, confrontadas com algumas experiências de projetos e de alunos, constitui um ensaio que procura dar algumas respostas a uma questão central "Em que é diferente estudar na Amadora?"

APRENDER & BRINCAR

O projeto Aprender & Brincar surgiu em 2002, época em que as escolas do concelho funcionavam ou em regime normal (das 9 às 15h) ou em regime duplo (das 8 às 13h ou das 13 às 18h) e era evidente a necessidade de serem criadas atividades complementares a estes horários, para crianças do pré-escolar e 1.º ciclo. Embora estas atividades estivessem parcialmente garantidas pela rede de Estabelecimentos Particulares e IPSS existente, a carência das mesmas era manifesta. Perante a descentralização de competências dos municípios no domínio da educação e a vontade de dar resposta a necessidades existentes no concelho, foi criado o projeto Aprender & Brincar com dois objetivos claros, o apoio às famílias e o aumento do sucesso educativo dos alunos.

Numa primeira fase, o projeto centrou-se nos equipamentos escolares, melhorando as escolas e criando novas salas de pré-escolar, assim como novos espaços de apoio (bibliotecas, ateliers, salas de apoio). De seguida, foram identificados e selecionados os parceiros locais que pudessem ser colaboradores no programa: escolas, associações de pais, juntas de freguesia, IPSS e Instituto da Segurança Social. O projeto iniciou com 13 escolas e foi progressivamente alargado a toda a rede pública do concelho.

Quando o programa iniciou, foi necessário criar uma nova forma de gestão das instalações escolares, introduzindo parceiros e práticas, o que nem sempre foi fácil: “Eu recordo-me quando começámos a ter o Aprender & Brincar foi muito difícil com as escolas, as escolas nunca tinham tido entidades terceiras em espaço escolar. Não sabiam quem lhes iria entrar espaço dentro, quem iria desligar a luz, ligar o alarme, desligar o alarme, e ocupar o espaço escolar. E eu acho com a tranquilidade que o tempo também dá a todos estes processos, tudo isto hoje já é um processo que foi naturalmente sendo assumido por todos. As pessoas já sabem que as nossas escolas abrem no dia 1, os parceiros já sabem onde é que têm de estar, o que é que têm de fazer, nós sabemos que temos de assegurar a alimentação e os pais sabem que, durante o dia, as escolas estão abertas e isto é tudo muito natural.” (Carla Tavares, CMA).

No ano letivo 2012/13 são 16 os parceiros locais gestores do programa que abrange 2 432 alunos de 35 escolas de 12 agrupamentos, o que corresponde a uma taxa de frequência de cerca de trinta por cento do total de alunos do concelho. Este é, claramente, um exemplo de novas práticas que ganham muitíssimo com a continuidade do investimento. Os dez anos de projeto permitiram criar continuidade, dar resposta a muitas famílias, avaliar e corrigir procedimentos. Os desafios para o futuro, no entanto, continuam e complexificam-se. Como refere um professor do concelho: “O Aprender & Brincar promove a inclusão. Não promove é a inclusão no seu todo, para toda a população; e aquilo que nós queremos é que seja no seu todo e para toda a população e de uma maneira gratuita ou quase gratuita.” (José Biscaia, Agrupamento de Escolas Dr. Azevedo Neves). Com as presentes dificuldades sociais e económicas, a necessidade de projetos como o Aprender & Brincar é crescente, pelo que a CMA tem, no futuro, os desafios de manter a continuidade e qualidade dos projetos, dando resposta a problemas cada vez mais diversificados, e de responder ao crescimento natural das expectativas de uma população com a qual foi estabelecida uma relação de confiança.

No entanto, estas vantagens transformam-se em meros procedimentos administrativos se não são encaradas como parte de um projeto de construção daquilo que se designa atualmente por territórios educativos, que se pretendem social e territorialmente coesos. Na Amadora, os executivos têm procurado – com sucesso – tornar as competências municipais sobre a educação parte de um compromisso político, fortemente relacionado com uma visão para o território. De facto, tal como as populações, os territórios – embora metaforicamente – podem ter altas ou baixas autoestimas. Uma baixa autoestima territorial resulta, muitas vezes, da construção de uma imagem negativa de um território, resultante da mediatização descontextualizada de problemas locais, tomando a parte pelo todo, associando a todo um espaço problemas que se passam apenas em parte dele. E os territórios, tal como acontece com as pessoas, após repetição incessante de que não têm valor, acabam por acreditar nessa afirmação, dificultando uma busca efetiva pela raiz dos problemas e a sua eventual resolução, conduzindo à resignação, à perpetuação e até à amplificação das dificuldades existentes, às quais se vêm sempre somar novos contornos e dificuldades.

O panorama do território da Amadora no início do século XXI era justamente este. Uma realidade complexa, fragmentada, em permanente mutação, onde pouca visibilidade era dada às práticas positivas, em face de uma perceção negativa – no exterior, mas também no interior – da sua composição social e do seu tecido construído.

É com este ponto de partida que a CMA, a partir do início da primeira década do século, centra parte importante do seu investimento nas escolas e na educação do concelho. Este investimento resulta de uma estratégia local – que tem como objetivo promover a inclusão de toda a população, dedicando especial atenção àquela que se encontrava mais excluída, por razões étnicas, socioeconómicas ou espaciais – e é assumido como uma linha de orientação política. Esta estratégia está associada a um compromisso político que parte do princípio que a construção de uma imagem local mais positiva tem de basear-se numa educação que promova a integração da população e o acesso desta a oportunidades educativas que podem ser apoiadas ou promovidas pelo município.

No fundo, a câmara chama a si o compromisso de promover e fomentar uma autovalorização positiva, que inverta a tendência generalizada de uma conceção assente na



ESCOLA INTERCULTURAL DAS PROFISSÕES E DO DESPORTO DA AMADORA (EIPDA)

A Escola Intercultural das Profissões e do Desporto da Amadora (EIPDA) é a única empresa municipal do município da Amadora e dedica-se exclusivamente à educação, o que é singular no contexto nacional.

A escola foi criada com o objetivo de impulsionar um novo projeto educativo para os jovens do concelho promovendo, simultaneamente, a inclusão social assim como a abertura de uma via de ensino com efetivo acesso à educação para todos, capaz de fornecer aos alunos qualificações orientadas para mercados de trabalho concretos. Na sua origem, está a constatação da existência de uma população com taxas de analfabetismo e iliteracia elevadas, frequentemente desenraizada, a residir em habitações degradadas ou clandestinas, onde se presencia o alheamento dos pais e encarregados de educação em relação ao percurso escolar dos filhos. Estas situações resultam frequentemente em insucesso e abandono escolar sem que a escola regular muitas vezes consiga encontrar respostas eficazes. Trata-se de um investimento importante, no âmbito dos equipamentos escolares, mas – e sobretudo – no âmbito das atividades e projetos de vida para os alunos. Como refere o diretor da escola: “não é só por criar escolas que não há abandono escolar (...) às vezes este ciclo de pobreza é difícil de romper, e o que nós pretendemos não foi fazer concorrência às outras escolas mas foi tentar romper o ciclo de pobreza, qualificar alguns jovens ou educá-los” (Adelino Serras). Criada originalmente para desenvolver projetos com jovens, a escola tem vindo a alargar a sua oferta a adultos e seniores. Presentemente, para a população jovem, a escola conta com seis Cursos de Aprendizagem (como por exemplo Técnico/a Instalador/a de Sistemas Solares Fotovoltaicos e Técnico/a de Cozinha/Pastelaria), Cursos de Educação e Formação de Jovens, para obtenção do 9.º ano de escolaridade e o Projeto 12-15, destinado especificamente a alunos em situação de abandono escolar. A escola faz com estes jovens um Contrato Educação, em que estes frequentam a escola, em atividades diversas, durante todo o ano e contam com apoio fi-



nanceiro e social, procurando promover uma mudança social das atitudes face à educação. A EIPDA tem, nos últimos anos, procurado também promover a formação ao longo da vida, apostando em atividades como a ginástica, informática e a pintura.

A escola possui ainda o projeto Oficina Multisserviços, também ele um conceito inovador, destinado à população idosa ou carenciada, que pode recorrer à escola através da Divisão de Intervenção Social para efetuar pequenas reparações em casa. Trata-se de um projeto de proximidade que permite identificar e solucionar problemas de grupos mais vulneráveis da população, ao mesmo tempo que fornece competências a jovens nas áreas de trabalho associadas ao projeto. Por último, esta escola promove uma série de projetos de apoio à comunidade educativa, com objetivos e valências diversos, como a EIPDA Negócios (que presta apoio às em-

presas do concelho), a Loja de Apoio Social (destinada sobretudo aos alunos e suas famílias), a Sala de Acolhimento para Crianças e Bebés (com um horário muito alargado, destina-se a todos os encarregados de educação que frequentem percursos qualificantes na Amadora) e uma oferta de ensino à distância, através de *e-Learning*.

ideia que os territórios suburbanos – e os seus habitantes – estão determinados socialmente.

Ao longo de três mandatos, esta perspetiva torna-se pública e patente nos *slogans* de campanha eleitoral – “o melhor da Amadora são as pessoas”, “o melhor da Amadora são sempre as pessoas” e “acredito nas pessoas, acredito no futuro”, em 2001, 2005 e 2009, respetivamente. Consta-se uma coerência e uma continuidade, que se materializa – numa primeira fase – em investimentos destinados a melhorar condições de vida e acessibilidades e a melhorar as infraestruturas escolares. Foram feitos investimentos importantes no parque escolar do município, que alicerçaram a fase seguinte caracterizada sobretudo pela criação de um conjunto de iniciativas extracurriculares – maioritariamente associadas às competências municipais em matéria de ensino.

Esta segunda linha de intervenção é marcada por projetos como o “Aprender & Brincar” e “Educação musical na sala de aula”. São projetos dedicados maioritariamente ao 1.º ciclo e seguem uma política de enriquecimento curricular destinada primeiramente aos territórios socialmente mais frágeis e, posteriormente, a todo o concelho. Almeja-se, através de um conjunto de atividades de apoio curricular e de ações de apoio direto aos alunos e às famílias (alimentação, apoio e acompanhamento social), criar alicerces para combater a desigualdade social e territorial pela via da educação. Por vezes, os projetos mais estruturantes são reforçados com iniciativas como a festa dos finalistas do 4.º ano, onde os alunos são encorajados a prosseguir os seus percursos educativos e a valorizar a escola. Os resultados, para o ensino básico, são encorajadores: “Não tenho abandono escolar. Nós temos uma assistente social, há quatro anos, e temos uma mediadora educacional que faz a ponte entre a escola e a família. Então, quando há uma criança que falta sistematicamente, elas ajudam a família a ver qual é o problema, se é a questão de falta de recursos, de as pessoas não estarem realizadas, elas tratam dessa situação. Felizmente, o abandono é quase nulo” (professora Conceição Mateus, do conselho executivo do Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes). Dentro desta linha de intervenção, surgem ações mais concertadas, destinadas a criar ofertas educativas alternativas, como a criação de um polo da Escola de Música do Conservatório Nacional, a funcionar desde o ano letivo 2003/2004. Aos projetos relacionados diretamente com as questões educativas,

juntam-se outros, relacionados com a saúde e bem-estar das populações e que têm, também, uma vertente pedagógica, tais como “Saúde e vacinação na sala de aula” e o projeto PIPAS, destinado a promover uma alimentação saudável, e POPE, que procura combater a obesidade infantil.

Por fim, podemos identificar uma estratégia de orientação mais recente, que se torna marcante sobretudo nos últimos anos, e que atinge o seu expoente máximo com o projeto Orquestra Geração. Trata-se de uma política que já se adivinhava com a criação da EIPDA e que assenta fundamentalmente, sem deixar de realizar as ações desenvolvidas anteriormente, no investimento em projetos inovadores, que partem exclusivamente da interação entre a vontade e o investimento municipal e a parceria com escolas e parceiros exteriores, e não de imposições administrativas ou ministeriais.

Estes projetos transcendem o simples cumprimento da descentralização de competências e procuram respostas inovadoras para problemas que se agudizam ou complexificam, através de abordagens integradas e de novas metodologias, procurando envolver vários parceiros, para além da escola e da CMA e, assim, tornar a educação uma parte importante dos problemas mas também das soluções da comunidade.

Em suma, o compromisso dos eleitos locais na educação, reforçado pelo garante de longevidade eleitoral, que permitiu investir a longo prazo, materializou-se num conjunto de iniciativas, que começaram por ser uma associação entre uma vontade política e a resposta a novas competências municipais, tendo evoluído para uma ligação progressivamente mais abrangente entre a escola e a comunidade e para a criação de iniciativas capazes de ter efeitos disseminadores, a longo prazo, envolvendo toda a população. Um aspeto fundamental neste contexto é o facto de ter havido uma continuidade deste compromisso por mais de uma década. Claramente, a continuidade das políticas de educação favorece a sua eficácia (uma prática que tarda a ganhar raízes em Portugal) e permite criar bases para melhorar, com base numa avaliação dos erros cometidos. O factor de proximidade entre a CMA e os atores locais, com especial destaque para as relações de proximidade com a comunidade escolar (diretores, professores), teve um impacto relevante neste contexto de sucesso na concretização das iniciativas levadas a cabo pela CMA.

2. O PAPEL DA ESCOLA NO MUNICÍPIO DA AMADORA

Rubem Alves, escritor e filósofo da educação, diz, na obra *A alegria de ensinar*, que a aprendizagem produz o esquecimento. No fundo, o autor pretende mostrar que a construção de um conhecimento articulado, formal, está muitas vezes associada à elisão de um conjunto de saberes fora da regra escolar, que muitas vezes não são valorizados socialmente. O autor questiona se o papel da escola não deverá ser a promoção da felicidade de alunos e professores, se o que deveríamos querer não seria adultos felizes – e não apenas pessoas aptas para tarefas. Educar pressupõe sempre a promoção de uma formação em valores com vista ao desenvolvimento do ser humano para um projeto de vida e não apenas para a aquisição de conhecimentos direcionados para uma atividade profissional específica ou para a aquisição de um conjunto de conteúdos.

Tradicionalmente associada sobretudo à família, a transmissão de valores (morais, religiosos, cívicos) de cada cultura ou sociedade tem sido progressivamente transferida para a escola, cabendo a esta não só o papel de instruir, mas – cada vez mais – o de educar. No entanto, esta relação escola/família nem sempre é uma relação de absoluta confiança. Por um lado, os valores transmitidos na escola não são sempre os que a família considera mais relevantes, podendo mesmo entrar em conflito com eles. Por outro lado, nem sempre a escola está preparada para lidar com a diversidade cultural dos seus alunos, nem para adequar a esta a transmissão de conhecimentos, até porque a definição de conteúdos, metas e currícula é herdeira de um historial de educação para as elites e não para todos e a definição de conteúdos está a cargo de um ministério centralizador.

Ao longo do último século, intensificou-se a discussão sobre a função da escola na sociedade contemporânea. À medida que as suas portas se abrem para um número crescente de alunos e que esta se diversifica social e culturalmente, recaem na escola expectativas crescentes, por parte das famílias e das instituições.

No território do município da Amadora, estamos na presença de um conjunto de características que complexificam a ação educativa da escola, enquanto, um pouco paradoxalmente, depositam nela cada vez mais esperanças. Tratando-se de um município com realidades bastante diversas, onde há uma grande incidência de territórios fragilizados, como vimos na apresentação do quadro demográfico social e cultural da Amadora, estamos na presença de um território onde a escola tem sobretudo o papel de minorar anseios (dos pais, professores e até da própria sociedade), de retirar “da rua” crianças, ocupando-as, vigiando-as ou, numa perspetiva mais positiva, educando-as para uma cidadania do século XXI, ou seja, uma cidadania ativa, participativa e responsável.

É neste contexto que a escola na Amadora assume o papel de “sítio de todas as mudanças”, como refere Carla Tavares. Neste sentido, surgiram projetos para abrir a escola à comunidade, através de programas e atividades que estão ao alcance de toda a população e não apenas da população escolar. São exemplos os cursos de costura, de língua portuguesa ou de culinária, o AmadoraEduca ou o projeto Patrulheiros, que mobiliza cidadãos seniores para dar apoio à mobilidade pedonal na imediação das escolas e que teve resultados muito positivos na diminuição da sinistralidade, e mesmo a recente aposta no e-Learning feita na Escola Intercultural, alargando a possibilidade de acesso ao conhecimento a distância, através da Internet. No fundo, procura chegar-se a um conjunto de pessoas para as quais a escola não é socialmente valorizada, por não terem elas pro-



ESTUDAR NA AMADORA

Andreia Silva, Cátia Guerreiro, Andreia Teixeira, Verónica Martins e Hélder Moreno – cinco testemunhos de alunos que frequentaram a escola da Amadora e que relatam percursos individuais distintos, mas todos num contexto escolar e territorial que lhes proporcionou experiências enriquecedoras e que resultou em níveis de sucesso escolar superiores ao das gerações dos seus pais.

Um ponto comum é o facto de todos reconhecerem uma melhoria nas escolas do concelho ao longo dos anos, quer do ponto de vista das instalações e das atividades oferecidas, quer do ambiente vivido entre alunos. Para estes antigos alunos, as escolas da Amadora são, hoje, a primeira escolha para os seus filhos. Até mesmo para o ensino secundário, onde existe por vezes a tentação de mudar para uma escola de Lisboa. Foi o caso de Andreia Silva (18 anos), hoje a frequentar a licenciatura em Serviço Social, que considera que “as escolas da Amadora estão a um nível muito bom, conseguem igualar as de Lisboa. Andar na escola na Amadora não condiciona em nada o nosso futuro e é uma mais-valia”.

Opinião similar possui Cátia Guerreiro (21 anos), estagiária de mestrado em Administração Educacional. Ao falar da escola na Amadora considera-a um bom exemplo de escola pública, onde diz ela “temos contacto com diferentes pessoas, que não têm a mesma vida nem a mesma família que nós e isso faz-nos crescer. Não só enquanto alunos, em termos de conhecimento, mas em termos humanos.” A mesma apreciação faz Andreia Teixeira, membro das duas associações de pais das escolas que as filhas frequentam. Fez questão que as filhas estudassem na Amadora, que considera melhor em termos de oferta escolar do que Lisboa, onde trabalhava, nomeadamente ao nível da relação entre a escola e os pais.

É unânime por parte destes antigos alunos o reconhecimento do papel dos professores no seu percurso escolar, sobretudo pelo acompanhamento que estes lhes deram, dentro e fora da escola. “Ser professor é mais do que chegar lá e darmos aquilo que temos preparado para aquela aula. É conhecer o ambiente que os alunos têm em casa, perceber que algo se passou e que isso, claro, vai condicionar o seu aproveitamento. Um professor tem de ser muito mais, tem de ser um amigo, tem de fa-



lar com os alunos. E é mesmo bom sentirmos que temos uma pessoa amiga, que é mais do que um professor.” (Cátia Guerreiro)

Andreia Silva afirma que “as pessoas ainda não se aperceberam que a Amadora está a mudar e que está a melhorar”. Verónica Martins (24 anos) foi aluna da Escola Intercultural das Profissões e do Desporto da Amadora (EIPDA) e realça a exigência da escola, referindo que esta prepara muito bem os alunos. No entanto, conta que “quando procurava trabalho, ocultava que vivia na Cova da Moura. Nós temos de trabalhar o dobro para mostrar que conseguimos estudar”. Um esforço que, apesar de tudo, compensa: “foi o melhor que fiz”, conta Hélder Moreno (de 29 anos), ao falar da sua opção pela EIPDA, que teve, para a sua realização pessoal e profissional, uma importância fulcral, permitindo-lhe a entrada para um mercado de trabalho onde se especializou numa profissão pela qual revela brio e paixão. Porque, no fundo, tal como afirmou Verónica Martins “o futuro, nós é que o decidimos, não são os outros!”



prias experiências escolares positivas, potenciando, através da escola, a abertura de horizontes e a criação de comunidades mais coesas, social e territorialmente.

A própria política de realojamento e construção de equipamentos tem andado, na Amadora, a par e passo com a escola, o que reforça esta preocupação com a coesão socioterritorial. Como refere Luís Vargas, Diretor do DEDS: "Há escolas que estão criadas e que vão suportar o processo de realojamento." No fundo, a escola é a argamassa que se pretende que una e agregue um território em mudança. Existe inclusive uma escola do concelho, a Escola Secundária Dr. Azevedo Neves, onde é dado apoio aos processos de legalização de população imigrante.

Essa aposta é feita, desde logo, no pré-escolar e no apoio à primeira infância. Carla Tavares expõe a situação da seguinte forma:

"Nós temos de ter respostas educativas de qualidade. Em zonas mais desfavorecidas é determinante que os meninos, aos três anos (ninguém quer aqui militarizar as crianças, não é nada disso), mas não há melhor sítio - em vez de estar com os irmãos de seis, sete, oito

e nove anos - do que aos três anos estarem no jardim-de-infância para poderem estar de bibes todos iguais e serem todos iguais num espaço onde estão meninos que têm posses económicas e outros que não têm (...). Os meninos são todos iguais mas, tendo um espaço que é muito de formação, é ali que os meninos aprendem a sentar-se, é ali que muitos deles aprendem quase a falar, a respeitarem-se uns aos outros, e acreditamos - e eu pessoalmente acredito - que este é o caminho. Eu acredito que a cidade dentro de 10 anos estará diferente".

Para tal, tem sido fundamental, e é como tal reconhecido, o envolvimento de todos os parceiros (agrupamentos, escolas, professores, autarquia, IPSS e alunos). No fundo, a continuidade de políticas de que se falou no ponto anterior permite que se quebrem barreiras, que os parceiros se vão conhecendo e criando sinergias locais que deem frutos, embora todos reconheçam que muito ainda está por fazer, até porque as mudanças sociais são constantes e o papel da escola é também acompanhar essas mudanças e propor solu-

ções para os problemas que elas acarretam. Perante vários cenários possíveis para o desenvolvimento da escola da Amadora, a CMA optou por atribuir à escola um papel central e fundamental na construção de uma nova imagem para o concelho, associada sobretudo à ideia de que a Amadora pode ser uma cidade alternativa, no contexto metropolitano, mais inclusiva, com equipamentos escolares de qualidade e programas educativos capazes de começar a dar resposta às necessidades da população - e não apenas às necessidades escolares, mas também a outras, relacionadas com a promoção de vidas mais saudáveis e dignas. A escola surge como um espaço agregador - a nível físico mas também simbólico - onde se conjuga um conjunto de dinâmicas e modos de vida local que desejavelmente irão potenciar a renovação urbana, e criar oportunidades para novas formas de fazer e viver a cidade. Um projeto que caminha claramente nesse sentido, procurando promover uma futura cidadania participativa, foi a realização da Assembleia Municipal Jovem, destinado a alguns alunos do 9.º ano, que vestiam a pele de "deputados por um dia".

3. TERRITÓRIO E EDUCAÇÃO: A INOVAÇÃO COMO BASE DA INTEGRAÇÃO SOCIAL E CULTURAL

A Amadora, apesar das suas reduzidas dimensões (cerca de 24 km²) encerra no seu território uma diversidade e uma concentração de fenómenos urbanos assinalável. Trata-se de um território de génese rural, que tem vindo a receber vagas sucessivas de novos habitantes, que escolheram a Amadora como primeiro destino das suas migrações (internas ou internacionais). Embora esteja a perder população, em números absolutos, a Amadora recebe ainda população imigrante. Muita desta população acaba por se estabelecer definitivamente no concelho, encontrando nele redes sociais e familiares que suportam a sua existência.

Neste contexto, residem presentemente na Amadora cidadãos portugueses e estrangeiros cujas raízes se estendem a muitas regiões e países. As condições de habitabilidade de parte desta população nem sempre foram as melhores, pautadas por um historial de ocupação e construção clandestinas, cujas origens remontam à década de sessenta do século XX. Em consequência, parte da população da Amadora residia em condições precárias, em termos habitacionais, mas também sociais (com situações de emprego flutuantes). Em simultâneo, consolidava-se um território de segundas e terceiras gerações de amadorenses. A relação entre estes territó-



Mostra de Teatro das Escolas nos Recreios da Amadora

rios nem sempre foi isenta de conflito. Esta situação tem vindo a esbater-se, graças em parte à capacidade de integração das várias comunidades, e também a programas de realojamento (onde a escola, como vimos no ponto anterior, assume um papel importante) mas persistem situações habitacionais de grande precariedade e a assunção da multiculturalidade como uma mais-valia territorial, embora presente nos objetivos municipais, reflete-se de forma pouco expressiva nos discursos locais.

É neste ponto que a escola pode vir a assumir um papel importante para quebrar barreiras e preconceitos, como espaço de convivência, de interconhecimento cultural desde a infância. No entanto, por si só, a coexistência na escola não garante a integração social. Persistem escolas mais e menos procuradas e valorizadas e escolas evitadas. O facto de estarmos em territórios multiculturais – ou seja, onde coexistem pessoas com origens culturais e geográficas diferentes – pode ser considerado uma riqueza territorial potencial, num discurso que valoriza a diversidade e o contacto intercultural, mas esse potencial só muito lentamente (ao fim de várias gerações e de uma integração progressiva que, no fundo, implica a perda de alguns traços culturais) se distancia de conflitos, cuja origem assenta justamente nessa diversidade, no desconhecimento mútuo e no preconceito.

E se a escola pode ser, em teoria, integradora, e capaz de proporcionar oportunidades de integração e ascensão social aos alunos mais desfavorecidos, na prática essa concretização está longe de ser atingida e persistem desigualdades de oportunidades, associadas à residência ou pertença a determinados territórios. Adelino Serras, Diretor da EIPDA, apresenta de forma um pouco irónica este determinismo territorial que parece ainda prevalecer:

“Os jovens chegam à universidade e dizem os professores universitários: «Estes indivíduos são uns analfabetos, não sabem nada, antigamente é que sabiam muito. E a culpa já não é deles, a culpa é do ensino do 12.º ano.» Mas (...) os miúdos chegavam ao 12.º ano e diziam os professores do ensino secundário: «Estes indivíduos hoje vêm do 9.º ano são uns imbecis, não sabem nada, a culpa já não é deles, é dos que estão no 3.º ciclo do básico». Portanto, os do 3.º ciclo do básico dizem do 2.º ciclo, do 2.º dizem do 1.º, o do 1.º (...) «os meninos que vêm de tal parte, do colégio

não sei quê, não sabem ler». Os meninos que foram para o colégio dizem: «Os meninos que vêm da creche não sabem ler». E quando chegam à creche dizem: «Os meninos que nasceram no Amadora-Sintra não sabem ler». A responsabilidade é dos meninos, que são analfabetos. Nós temos que mudar esta questão, se não sabem temos vários recursos para aprender, e é assim que nós conseguimos qualificar pessoas, não nos desresponsabilizando”.

Ciente da necessidade de furar barreiras e quebrar o ciclo vicioso de insucesso escolar e de determinismo social, a CMA lançou vários projetos com o objetivo de, através da inovação, criar oportunidades, traduzidas em projetos que desejavelmente terão um efeito de “pedrada no charco”. São projetos como a Orquestra Geração ou o PIPAS. Não sendo dirigidos a toda a população escolar, destinam-se sobretudo, mas não exclusivamente, a populações de territórios socialmente mais desarticulados e centram-se em abordagens diferentes das do ensino curricular, quer como alternativas à escola regular quer como atividades complementares, na medida em que são sempre muito próximas dos alunos, dos seus problemas e necessidades.

No fundo, aquilo a que assistimos é a clara consciência de que, na prossecução de territórios mais justos e coesos, a educação tem um papel importante mas, nos seus moldes escolares mais tradicionais – ainda que complementados com diversas atividades intra ou extracurriculares – tem uma eficácia de longo prazo. E, se importa investir no longo prazo, importa também encarar a escola como um espaço de abertura de horizontes, de criação de oportunidades para quem as quer aproveitar, através de projetos com um efeito de curto prazo (dois ou três anos), que possam servir de exemplo e inspiração aos jovens do concelho. São também projetos capazes de inverter a imagem negativa da Amadora, uma vez que a sua mediatização (juntamente com outras iniciativas de carácter cultural como a Amadora BD) ajuda a quebrar a corrente de notícias de carácter negativo sobre o município. No fundo, estes projetos contribuem, em primeiro lugar, para criar alternativas de percurso pessoal a quem os frequenta, mas são também embaixadores do concelho no exterior, permitindo concorrer para a promoção de uma imagem positiva do território, através da educação.

4. PARA UMA ESCOLA COM (DE) FUTURO: DESAFIOS DE UMA SOCIEDADE EM MUDANÇA

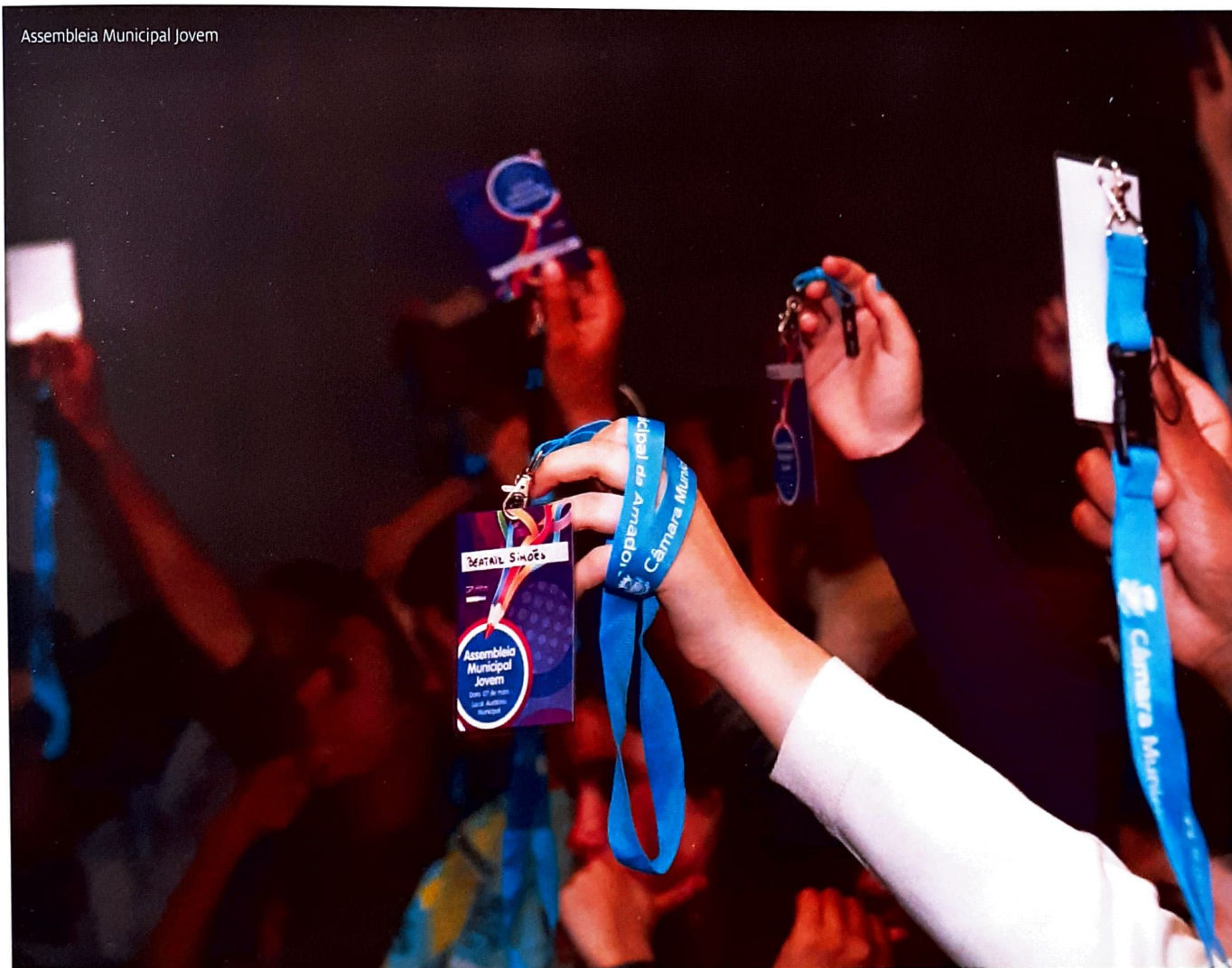
Numa entrevista a um professor do concelho, este dizia que “as pessoas gostam muito mais de viver agora na Amadora do que antigamente e acho que isso é uma coisa notória” (Duarte Alão, Agrupamento de Escolas de Alfofnelos).

As intervenções levadas a cabo nos últimos anos no município, a par das suas vantagens territoriais (acessibilidades e transportes, localização geográfica, dimensão relativamen-

te pequena do município) contribuíram para que hoje se possa construir uma ideia de futuro que, segundo a ótica do discurso local, assenta nas pessoas da Amadora.

No entanto, um dos aspetos que mais tem caracterizado o município nas últimas décadas é a relativa imprevisibilidade dos seus movimentos populacionais e a dificuldade de estabilização dos mesmos. Sendo um município de chegada à capital (ou de entrada no

Assembleia Municipal Jovem



ORQUESTRA GERAÇÃO

Documentário “Orquestra Geração”, primeiros minutos de um ensaio da orquestra; ouve-se a voz do maestro: “Estão três minutos atrasados. É muito tempo três minutos. Dava para afinar...”. Nos últimos minutos, novo ensaio, e o maestro congratula os músicos pela sua evolução, em termos de comportamento e postura na orquestra, referindo que a disciplina de orquestra também se aprende, que “ninguém nasce disciplinado”.

Através de uma postura concreta, o maestro transmite aos alunos da orquestra muito mais do que orientações sobre a partitura, entrando claramente no campo dos valores sociais, ou, mais precisamente, no campo daquilo que é socialmente reconhecido como o comportamento adequado de um músico de orquestra. O projeto Orquestra Geração nasceu, em Portugal, na Amadora em 2007. Inspirado num projeto semelhante, o Sistema de Orquestras Infantis e Juvenis da Venezuela, foi viabilizado, no início, graças a uma parceria entre a CMA, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação EDP e a Escola de Música do Conservatório Nacional a que se juntaram, mais tarde, o Ministério da Educação e a Área Metropolitana de Lisboa. Inicialmente muito ligado à promoção da inclusão social de alunos de territórios mais vulneráveis, atualmente, o projeto ganhou uma dimensão mais abrangente, procurando pro-





mover o sucesso educativo dos jovens músicos. Começou com uma Orquestra de 15 alunos, só de cordas, a que se juntaram os instrumentos de sopro, no ano letivo de 2008/2009 e, mais tarde, a percussão. No ano letivo de 2012/13, abrange 180 jovens dos agrupamentos de escolas Miguel Torga, Almeida Garrett e Damaia. Ensina música, mas também formas de estar, promove a autoestima dos alunos e a sua motivação enquanto parte de um coletivo.

Como nos diz a responsável pelo projeto na CMA:

“O comportamento melhorou, a vontade e o prazer de estar na escola são diferentes e isso traduz-se na forma como as famílias reforçam e motivam os filhos para a importância da escola, enquanto meio para chegarem mais além, estarem mais incluídos socialmente mas também como forma de trazer maior mobilidade social porque, apesar de provirem de meios mais fragilizados, a escola oferece formas diferentes de ascender socialmente. Por exemplo, num concerto, não ficamos indiferentes à atenção, à concentração, ao silêncio. Há concertos em

que estão 150 crianças num palco em silêncio, concentradas (...). Muitos vão construir um caminho diferente e outros passam por isto e não vão chegar a músicos mas ganham competências, pelo trabalho que aprenderam na orquestra, aquilo que referimos da atenção, da concentração, do silêncio, esperar pelo outro, o saber quando entrar, isso fica-lhes e são competências que toda a vida lhes farão falta”.

Perante os resultados já alcançados, o futuro da Orquestra parece promissor. No entanto, há ainda um caminho a percorrer, como nos diz o Professor Wagner Diniz:

“Há uma coisa que eu sei, isto não é milagroso (...). Somos humanos como toda a gente. Nós, sim, temos a noção que é preciso ter tempo, mesmo essa análise que estamos a fazer ao fim de 5 anos, é uma análise a um bebezinho, é uma análise de um recém-nascido. (...) Na Venezuela eles têm 38 anos de trabalho e agora é que têm as grandes e superorquestras e trabalham 20 horas por semana. Nós estamos a falar de um projeto que vai entrar no seu 5.º ano mas, é o que eu lhe digo, as pessoas já es-

tão a exigir que seja o melhor projeto público... (...) Por um lado, é bom, porque há exigência dos *sponsors* em mostrar resultados para obter financiamento; por outro lado, por vezes, há exigências que saem fora do caminho. Portanto, há esse aspeto de que temos de lutar um bocadinho contra a corrente, ou seja, temos de demonstrar às pessoas que os resultados não são imediatos, percebe? São resultados faseados, são resultados que levam tempo a obter. Agora, é preciso é que apostem desde o início e que não se faça como acontece quando há dinheiro e depois acabou a aposta. Ai é que é o nosso problema!”.

país), continua a receber população das mais variadas partes do globo: de várias regiões de Portugal, dos países africanos de expressão portuguesa, do Brasil e, recentemente, de proveniências menos habituais em Portugal, como China, Paquistão ou Guiné-Conakri.

A chegada constante – e nem sempre articulada com o calendário escolar – de novos alunos às escolas do concelho (alguns deles não falando ainda a língua portuguesa) é um dos desafios que estas enfrentam no presente. Na realidade, a população escolar de há dez ou quinze anos atrás era distinta daquela que existe hoje, o que obriga a escola a dar resposta a problemas e situações que não eram usuais. No fundo, falamos do desafio de lidar com uma sociedade em mudança constante e acelerada, sujeita às pressões e realidades globais, mas num território com especificidades próprias e problemas locais ainda não completamente estabilizados.

Outros desafios importantes são a efetiva integração na realidade urbana do concelho dos bairros construídos para realojamento e dos seus residentes e a resolução dos problemas de habitabilidade das populações (ainda) a residir em soluções precárias. Por outro lado, nem toda a população amadora reside em bairros municipais ou em situação de carência, constituindo uma população relativamente estável, mas de alguma forma afastada daqueles que chegaram ao concelho mais recentemente ou que vivem em situações de precariedade. Num inquérito divulgado em 2002 sobre as relações interétnicas e representações das populações do concelho da Amadora, é referido o distanciamento entre as várias comunidades residentes, e embora a coexistência e tolerância estejam presentes, persiste uma forte associação entre os bairros mais desqualificados, onde reside sobretudo popula-

ção imigrante, e os maiores problemas do concelho. É também de referir que o estudo, apesar de não se centrar na escola, revela o seu papel como espaço de criação de inter-relações entre os vários grupos.

A crise económica que afeta também a população deste concelho, sobretudo porque esta é sempre mais severa para populações economicamente mais frágeis, trouxe também novos desafios ao município no que diz respeito à população escolar. Um exemplo foi a necessidade de reforço da alimentação escolar e de criar horários mais alargados das creches, para dar resposta aos horários de trabalho dos pais. No entanto, as dificuldades económicas irão também refletir-se na própria autarquia, que terá pela frente o desafio de avaliação do investimento e das ações realizados até ao momento, de modo a priorizar desafios e projetos futuros.

Dois dos desafios que se encontram neste momento em discussão passam pela procura de soluções para dois problemas distintos. Por um lado, a necessidade crescente de encontrar novas áreas profissionalizantes, cada vez mais adequadas à procura dos alunos e às necessidades do mercado. Outro problema que necessita de atenção futura será o da melhoria significativa das respostas ao nível do ensino especial, para que a escola não seja um mecanismo de exclusão para alunos com necessidades educativas especiais mas, e cada vez mais, uma ferramenta de integração e aceitação.

Esta questão prende-se com uma outra, cuja discussão está pouco desenvolvida em Portugal: até onde deverá estender-se a atuação das câmaras municipais nas escolas dos seus concelhos? A descentralização de competências em vigor prevê um conjunto de ações, mas – como observámos no caso da Amadora – é possível ir mais além na resposta aos problemas, o que nos leva a questionar até que ponto há vontade, capacidade e vantagem numa progressiva municipalização da educação. Se, por um lado, a subsidiariedade destas decisões é incontestável, por outro lado será ela um garante da diminuição das injustiças sociais e territoriais, a nível nacional? Este é um debate que está por fazer e para o qual a Amadora poderá contribuir, com a sua experiência.

A este debate não será decerto alheio um aspeto crucial da relação entre alunos, escola e município que é a necessidade de alargar mais a escola à comunidade, de fomentar a participação já habitualmente escassa – e



ainda menos expressiva em contextos sociais complexos – das famílias na instrução escolar dos alunos. No fundo, a separação entre educação moral e instrução escolar que o Estado moderno fez vingar terá, sem dúvidas, vantagens, mas potencia também um conflito entre a cultura (no sentido lato, falando da cultura transgeracional de que cada um de nós é produto) e a instrução. Na prática, muitas vezes as famílias revelam-se incapazes de compreender a efetiva utilidade daquilo que a escola ensina, criando um desinteresse social pelos conteúdos, desde que os comportamentos sejam controlados. A aproximação pela via profissionalizante, da qual já há experiência, através de projetos levados a cabo, por exemplo, pela Escola Intercultural das Profissões e do Desporto e pela Escola Profissional Gustave Eiffel, será uma das propostas possíveis, mas não poderá ser a única. Na realidade, há que conhecer melhor as famílias para compreender que saberes estas valorizam e aquilo que ensinam em suas casas, procurando compreender se é simplesmente diferente, complementar ou antagónico com aquilo a que a escola se dedica. Mas há também que dar a conhecer a escola à comunidade, para que esta compreenda, aceite e complemente os saberes ministrados, para que se promovam e valorizem experiências escolares que complementem, enriqueçam e valorizem outros saberes.

Ainda no referido livro de Rubem Alves, o autor conta a história do filho de um amigo, habitualmente aluno de notas baixas, que obteve a nota máxima numa composição escrita. O tema da composição era "Porque odeio a minha escola". Se pensarmos que a escola deverá ser um veículo para o amor e não para o ódio, e não sendo a transmissão dos valores matéria estrita de aula, a experiência global do ensino deveria ser antes algo que contribuísse para uma perceção, representação e reprodução de uma imagem do *eu* positiva e integrada em algo que é socialmente valorizado, proporcionando uma conjunção de felicidade e construção produtiva do *eu*.

A aprendizagem trará sem dúvida, uma dose de esquecimento, mas – pensando que a escola nos ajuda a sonhar – pelo sonho é que vamos, como dizia Sebastião da Gama, ser capazes de combater a desigualdade e a adversidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Maria Emanuel Melo de. *A aproximação pela via profissionalizante de alunos em contexto rural*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- ALVES, Rubem. *A educação de todos*. Lisboa: Edições Asa, 2003.
- CARVALHO, Rómulo de. *História da educação em Portugal: desde a Idade Antiga à contemporaneidade até ao fim do regime do Salazar e do 25 de Abril*. Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian, 2012 (5ª ed.).
- DINIS, Ana. "Programa Aprender & Brincar". In: *Boletim CREMA*. Amadora: CREMA – Centro de Recursos Educativos do Município da Amadora. 2ª série, n.º 7. Novembro 2002. pp. 24-25.
- COSTA, Fernando Marques da (coord.) *A. populações do Concelho da Amadora: relações inter-étnicas e representações*. Amadora, Câmara Municipal da Amadora, 2002.
- "Um olhar em frente: Escola Intercultural das Profissões e do Desporto". In: *AmadoraEduca*, revista trimestral das CMA – Centro de Recursos Educativos. 3ª série, n.º 14. Dezembro 2005. pp. 28-29.
- "Orquestra Geração, A música para todos". In *Fundação Calouste Gulbenkian Newsletter* n.º 109. Abril 2009.
- "Patrulheiros reforçam segurança". In: *Amadora sempre em movimento*, boletim municipal. n.º 14. Nov/Dez 2012, p. 16.
- Portal AmadoraEduca. <http://educam-amadora.pt>, consultado em fevereiro e março de 2013.
- REIS, Filipa; GUERRA, João Miller. *Orquestra Geração*. Documentário, 63m, 2011.